

ARTIGO ORIGINAL

## Perfil sociológico do repórter-amador no Agreste de Pernambuco

**Sheila Borges de Oliveira**

Universidade Federal de Pernambuco,  
Recife, Brasil  
[sheila.boliveira@ufpe.br](mailto:sheila.boliveira@ufpe.br)

**Diego Gouveia Moreira**

Universidade Federal de Pernambuco,  
Recife, Brasil  
[diego.moreira@ufpe.br](mailto:diego.moreira@ufpe.br)

**Rodrigo Miranda Barbosa**

Universidade Federal de Pernambuco,  
Recife, Brasil  
[rodrigo.mbarbosa@ufpe.br](mailto:rodrigo.mbarbosa@ufpe.br)

### RESUMO

Com os aportes teórico e metodológico de uma sociologia à escala do indivíduo, de Lahire (2002; 2004; 2005; 2006; 2010a; 2010b), apresentamos, a partir de entrevistas em profundidade, o perfil sociológico de um ator, no Agreste de Pernambuco, que produz notícia na internet à revelia dos conglomerados de comunicação. Por fim, considera-se que o repórter-amador (BORGES, 2015) desenvolveu seu próprio espaço noticioso com uma disposição social para melhorar a qualidade de vida em sua cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Repórter-amador; Jornalismo; Disposições Sociais; Notícia.

RECEBIDO EM 08/12/2022  
ACEITO EM 07/12/2023



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

## Perfil sociológico del reportero aficionado en la región Agreste de Pernambuco

### RESUMEN

Con los aportes teóricos y metodológicos de una sociología a escala del individuo, de Lahire (2002; 2004; 2005; 2006; 2010a; 2010b), presentamos, a partir de entrevistas en profundidad, el perfil sociológico de un actor en el Región Agreste de Pernambuco, que produce noticias en internet en ausencia de conglomerados de comunicación. Finalmente, se considera que el reportero aficionado (BORGES, 2015) ha desarrollado un espacio informativo propio con disposición social para mejorar la calidad de vida en su ciudad.

**PALABRAS CLAVE:** Reportero aficionado; Periodismo; Provisiones Sociales; Noticias.

## Sociological profile of the amateur reporter in the Agreste region of Pernambuco

### ABSTRACT

With the theoretical and methodological contributions of a type of Sociology at the scale of the individual, by Lahire (2002; 2004; 2005; 2006; 2010a; 2010b), we present, from in-depth interviews, the sociological profile of an actor in the Agreste of Pernambuco, which produces news on the internet despite the communication conglomerates. Finally, it is considered that the amateur reporter (BORGES, 2015) has developed his own news space with a social disposition to improve the quality of life in his city.

**KEYWORDS:** Amateur reporter; Journalism; Social Provisions; News.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o recorte da pesquisa *Observatório da Vida-Agreste* que tem como proposta estudar o indivíduo, morador da Região Agreste de Pernambuco, que cria um espaço próprio em plataformas surgidas com a popularização da internet para elaborar notícia. Dessa forma, analisa as disposições sociais desse cidadão que, mesmo sem ser jornalista, produz notícia em espaços autorais, identificando os fatores sociais que o leva a se sentir motivado a ter essa prática comunicativa. Esta investigação toma como base o programa de uma sociologia à escala do indivíduo, de Lahire (2002; 2004; 2005; 2006; 2010a; 2010b), estruturado na reconstrução dos processos de socialização do ator para que se possa conhecer a sua trajetória de vida e, assim, identificar as disposições sociais que o impulsionam a ser o que Borges (2015) chama de repórter-amador, o cidadão que consome informação, interage com os veículos de comunicação e cria um canal para fazer notícia, sem se submeter aos filtros políticos e econômicos determinados pela imprensa.

A pesquisa identifica o ator que está furando o bloqueio imposto pelas empresas de comunicação ao procurar espaços na internet, como blogs e redes sociais on-line, para elaborar a notícia a partir de seus critérios pessoais e não os dos critérios de noticiabilidade do jornalismo. Ele não fica refém das informações da mídia tradicional, formada por jornais impressos, revistas, rádios, televisões e portais on-line vinculados aos conglomerados de comunicação. E também não segue os pilares da deontologia jornalística, que, para Cornu (1998), devem ser alicerçados no dever de retificação, no repúdio às notícias desleais e no respeito à pessoa humana e à vida privada.

Ao mapear esses cidadãos, fizemos entrevistas (na primeira fase, mais exploratória e na segunda fase, em profundidade e sucessivas) para reconstruir a trajetória de vida deles e avaliar quais são as motivações que os levam a querer produzir informação. Na fase do Grande Recife, Borges (2015) investigou que isso ocorria no tempo livre. O repórter-amador, naquela etapa, não tinha essa atividade comunicacional como prioritária para seu sustento financeiro. Agora, na fase do Agreste, foi observado que

o ator estudado faz isso de forma diferente, utilizando o tempo dedicado ao trabalho. Assim, produz notícia e ganha dinheiro com a atividade, mesmo que, em alguns casos, a elaboração de conteúdo em espaços autorais não seja a remuneração principal. Neste artigo, vamos apresentar o perfil sociológico de um deles, o José do Blog.

Por tudo isso, a pergunta central desta investigação acadêmica é: quais são as disposições sociais, atualizadas a partir de fatores relacionais e contextuais, que contribuem mais frequentemente para o cidadão do Agreste querer produzir notícia sem ter nenhuma formação especializada em jornalismo? Para responder à indagação, buscamos perceber as variações inter e intraindividuais que levaram indivíduos, moradores da região, a construir esquemas de tendências que são, ao mesmo tempo, singulares e plurais, uma vez que sofrem influência de processos de socialização do passado, atualizados no presente.

A prática do cidadão que quer produzir a própria notícia tem sido importante para as mudanças nas configurações e relações sociais que são estabelecidas pelos atores que estão dentro e fora da grande imprensa. Esse campo social é fechado e esses indivíduos, que têm um papel mais participativo e provocador, estão contribuindo para quebrar regras, como as da concepção das notícias, e trazer mudanças estruturais ao campo do jornalismo, este, segundo Bourdieu (1996; 1997; 2003), espaço de disputas de poder, pois seus membros precisam dominar as regras próprias do campo para serem distinguidos e reconhecidos pelos seus pares.

O jornalismo está sendo desafiado a aprofundar os estudos para identificar as disposições que o cidadão deflagra com mais força quando é impulsionado a pensar, sentir e agir para realizar determinadas ações sociais, como a que estamos focando: a de produzir notícia. Por isso, é preciso entender como o ator, em meio ao emaranhado das variações inter e intraindividuais, que surgem nas fases de socialização, sente-se estimulado a desempenhar os papéis de produtor da informação sem ser jornalista.

Esta investigação também dialoga com o projeto da pesquisa-ação *Formação de repórteres-amadores: produção de conteúdo com temas sociais para promover*

*inovação social no Agreste de Pernambuco*, uma vez que, após o mapeamento, estão sendo promovidos cursos de formação para esses atores. Assim, podem conhecer os princípios sobre a ética da comunicação, assim como ter uma compreensão crítica do tratamento dado pela mídia às temáticas sociais.

É o repórter-amador que tem incomodado os veículos de comunicação e contribuído para ocupar os espaços dos desertos de notícias ao dar visibilidade a temas que ficam de fora das pautas dos conglomerados de comunicação. Os desertos de notícias são justamente esses locais que não são alcançados pela mídia tradicional na cobertura noticiosa. Segundo dados da pesquisa Atlas da Notícia (PROJOR, 2018), ao menos 52% dos municípios brasileiros não possuem jornal, emissora de rádio ou televisão, ou seja, cerca de 16% da população não tem acesso a um veículo de mídia local.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

No complexo processo de produção da notícia, a versão do indivíduo que procura o jornalista na posição de simples consumidor da notícia, alçado eventualmente a personagem das histórias que a mídia conta, é menos valorizada do que a do especialista. Isso ocorre porque o jornalista internaliza e hierarquiza valores dados pelas empresas de comunicação e criados pela cultura profissional, transmitidos como se houvesse uma naturalização do fazer jornalístico. Mesmo diante dessas dificuldades, esse ator não se contenta em ficar exercendo estritamente o papel de consumidor de informação. Diferentemente do que faz uma parte da audiência dos conglomerados de comunicação, procura dialogar com as redações, ação que foi facilitada com a popularização do uso do computador e celular e do acesso à internet.

Percebe-se, nos tempos atuais, que essa prática foi ampliada com a abertura de canais de interação entre a redação e o cidadão por meio, por exemplo, do WhatsApp, Facebook, X (antigo Twitter) e Instagram, uma vez que o jornalismo tem passado por uma série de transformações no século XXI em concomitância com o surgimento de novos formatos para os meios de comunicação. Nesse cenário,

desenvolvem-se mecanismos de busca que auxiliam no encontro de informações espalhadas pelas redes sociais. Segundo dados da pesquisa Digital 2023, 84,3% da população brasileira estaria conectada à internet (181,8 milhões de usuários). Deste grupo, 109,1 milhões acessam o Facebook, 24,30 milhões se conectam ao X e o Instagram teria 113,5 milhões de usuários ativos no Brasil, a partir de dados do início de 2023 (KEMP, 2023).

As redes sociais e os serviços de busca, como Google, Facebook e X, são responsáveis por mais de 85% dos visitantes dos sites das instituições jornalísticas (HUEMPFER, 2017). Isso impõe um grande poder no direcionamento das notícias. Quem define as regras do jogo detém esse poder e os veículos de comunicação estão cada vez mais dependentes das redes sociais e dos serviços de busca. As redes sociais nos relembram como *gatekeepers*, que antes da internet estabeleciam o que era notícia e o que poderia ser publicado, mas agora as redes não publicam, mas publicizam as notícias, executando um serviço editorial. Mas os algoritmos dos mecanismos de busca e redes sociais são instáveis e moldados pela própria atuação dos seus usuários (JURNO, DALBEN, 2018).

Essa cadeia de distribuição é identificada como plataformas de infomediação (SMYRNAIOS, REBILLARD, 2019), pois irão mediar as relações que estabelecemos com a informação e aqui, em especial, com as notícias jornalísticas. Dessa forma, elas procuram criar “jardins murados” (*walled gardens*) com a tentativa de fazer com que o usuário não saia nunca de dentro do seu domínio para ter acesso ao conhecimento. Sendo assim, a lógica das redes sociais e dos mecanismos de busca implica na plataformização do jornalismo. O tipo de favorecimento que os algoritmos exercem muda a atuação jornalística que passa a se basear, cada vez mais, em métricas e estatísticas de audiência a fim de negociar com as lógicas impostas pelas redes.

É nesse complexo processo de produção da notícia que indivíduos, aqui chamados de repórteres-amadores, estão se dispondo a produzir conteúdos, pois não se

contentam em ficar exercendo estritamente o papel de consumidor de informação, publicada pelas empresas de comunicação e publicizadas pelas plataformas de infomediação. Assim, esta pesquisa estuda este fenômeno social e midiático do cidadão que fura o bloqueio imposto pela grande imprensa e as bolhas criadas pelos algoritmos para elaborar a própria notícia. Após o mapeamento, na segunda fase da investigação, buscamos reconstruir a trajetória de vida do repórter-amador, para avaliar quais são as motivações que o leva a querer produzir notícia, elaborando perfis sociológicos, como o de José do Blog.

No jornalismo, observa-se como essa prática do cidadão tem sido importante para as mudanças nas configurações e relações sociais que são estabelecidas pelos atores que estão dentro e fora da grande imprensa. Muitas hipóteses poderiam ser pensadas no âmbito das ciências da comunicação para esses questionamentos. Na pesquisa empírica para investigar essa relação veículo-audiência, percebe-se a existência de correlações e inter-relações entre as estratégias e os interesses da grande imprensa de um lado, e as percepções, os sentimentos individuais e as competências envolvidos na ação individual e nas interações sociais, de outro (BORGES,2015). O problema ultrapassava a mera investigação culturalista na qual as interações se restringem a uma luta (organizada ou não) pela hegemonia de interesses ideológicos dos grupos sociais em questão.

Deste ponto de vista, buscam-se as respostas no âmbito da sociologia e não numa sociologia teórico-crítica de base frankfurtiana, ou numa sociologia culturalista, ambas pouco atentas aos processos de construção das competências disposicionais dos indivíduos e suas consequências nas relações entre indivíduo e sociedade (BORGES,2015). O paradigma sociológico que melhor respondeu ao problema é o das chamadas teorias disposicionalistas que fazem parte de uma longa tradição sociológica oriunda da sociologia durkheimiana e da antropologia estrutural (estruturalismo straussiano) que se desenvolve na segunda metade do século XX, passando, sobretudo, pela contribuição de Bourdieu (1996; 1997; 2003)

e chegando ao século XXI pelo trabalho de autores que desenvolveram ou que fazem crítica imanente à corrente disposicionalista, a exemplo de Lahire (2002; 2004; 2005; 2006; 2010a; 2010b).

Para analisar sociologicamente as disposições desse indivíduo que desempenha o papel do que se conceitua repórter-amador, considerou-se a elaboração do conceito de *jogo do agir ativamente no jornalismo* (BORGES, 2015). O cidadão-repórter é o ator social que interage com a grande imprensa, opinando ou sugerindo assuntos que deseja ver nas edições jornalísticas, segundo Sbarai (2011). Nesse caso, são co-produtores da notícia. O repórter-amador, por sua vez, vai além: é o indivíduo que não se contenta em ser apenas colaborador, tomando a iniciativa de instituir um espaço autoral para produzir notícia sem precisar se reportar aos jornalistas, segundo Borges (2015).

É na conexão desses dois movimentos, o de colaborar e o de criar um espaço autoral sem a interferência de jornalistas, que se construiu o conceito de *jogo do agir ativamente no jornalismo*. Nele, o ator procura instituir um espaço de atuação jornalística, mesmo que de forma amadora e voluntária, na pesquisa feita no Grande Recife por Borges (2015). Naquela fase, o repórter-amador dedica à prática do fazer notícia o tempo livre e de lazer. Já no Agreste, vamos perceber que o repórter-amador passa a ocupar parte do tempo do trabalho para fazer notícia, ganhando dinheiro com a atividade, mesmo que não seja a remuneração principal.

Nas Regiões do Grande Recife e do Agreste, contudo, o repórter-amador tem uma ambivalência, um jogo de cintura que o faz ir de um ponto a outro, sem ficar retido ao campo profissional. Entra e sai do campo do jornalismo, porque não tem obrigações com linguagens, éticas ou metodologias da cultura profissional, mesmo que os percebam intuitivamente. Ele atravessa o campo do jornalismo como audiência ou personagem de reportagens. Isso não reduz o papel de sua atuação nem a sua capacidade de intervenção no campo jornalístico.



Esse ator tem assumido um papel de protagonista com a abertura de novas formas de comunicação surgidas com a internet, fazendo parte de um fenômeno social que ganha relevância pública e desperta o interesse de pesquisadores, que se mobilizam para compreendê-lo. Os estudos sobre os efeitos que esse fenômeno provoca no jornalismo, porém, têm priorizado os aspectos relativos à recepção da notícia e às alterações nos discursos, nos gêneros jornalísticos e nas estruturas organizacionais das empresas.

Por isso, para entender a importância desta pesquisa, é necessário levar o campo acadêmico a mudar o foco e aproximar o olhar do pesquisador dos universos de socialização dos cidadãos que não integram o campo profissional do jornalismo. Eles, porém, acionam esquemas disposicionais que os motivam a querer realizar o jogo do agir ativamente, podendo vir a desestabilizar as regras construídas e arraigadas do jornalismo, que não detém com exclusividade mais o poder de dizer o que é e o que não é notícia.

A tradição da sociologia disposicionalista dá conta de nosso objeto de pesquisa, mostrando-nos um caminho no qual poderemos perceber as variações inter e intraindividuais e como elas se manifestam em cada ator. Utilizaremos como aporte teórico o programa para uma sociologia à escala do indivíduo de Lahire (2002; 2004; 2005; 2006; 2010a; 2010b). Ele nos dará as condições de possibilidade para analisar como o ator é resultado de uma mistura social de tendências variadas, incorporadas e externalizadas de forma singular. E nos ajudará a entender como a diversidade das experiências socializadoras pode ser absorvida de maneira distinta por cada cidadão.

A disposição é uma força interna, introjetada no indivíduo por meio dos processos de socialização e das influências das estruturas e das relações que são construídas nos mundos sociais. É a representação social de uma tendência, que é, ao mesmo tempo: 1) recebida pelo cidadão de forma plural (socializações), 2) retida de maneira singular e 3) externalizada em escala individual, mas que provoca mudanças em

escala social. É uma força que vem do pensamento e se concretiza na ação, que é individual e plural. A disposição se revela pelas ações, pela ideia de recorrência.

Para ter acesso à disposição, a teoria disposicionalista vai buscar reconstruir uma realidade como ela é observada indiretamente. É um trabalho metodológico de interpretação de comportamentos e opiniões, que desvenda os princípios que geram a multiplicidade das práticas, que envolve experiências do passado e do presente. Por isso, realizamos, na primeira fase da investigação, um questionário para traçar o perfil social e econômico dos entrevistados. E, no segundo momento, fazemos quatro entrevistas sucessivas e profundas para conhecer as trajetórias de vida de nossos atores. O programa de pesquisa de Lahire se baseia no pressuposto científico de que o social se fortalece quando é captado na escala individual. As variações individuais podem ser um objeto específico da sociologia porque as realidades individuais estudadas são sociais, uma vez que são socialmente produzidas.

O ator pode ter motivações individuais para agir. As práticas jornalísticas por ele ativadas para querer resolver um problema, entretanto, resultam em ações que vão interferir na comunidade e no próprio campo do jornalismo, quando toma para si a responsabilidade de noticiar fatos sem se submeter aos filtros impostos pelas empresas de comunicação. Em função da complexidade das disposições, o pesquisador tem que fazer o entrecruzamento desse emaranhado de influências para que possa buscar as origens das variações que quer identificar e entender como se realizam inconscientemente para, em nosso caso, estimular o cidadão a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

A teoria disposicionalista está dentro de uma grande tradição teórica que é a das teorias da ação. Nas teorias disposicionalistas, existem dois grupos. Em um deles, são enfatizados os princípios unificadores e homogêneos, que colocam um peso grande no passado e não valorizam características singulares do indivíduo e o contexto imediato da ação. No outro, é dada relevância à fragmentação interna das experiências, sem delegar tanta importância ao passado, como o grupo anterior.

Entendemos que nem o primeiro nem o segundo grupo das teorias da ação e do ator poderiam dar conta do fenômeno que buscamos compreender. Lahire é o autor que trouxe maior contribuição à pesquisa porque defende o estudo sobre as diversas formas de reflexão que agem nos diferentes tipos de ação. Defende uma sociologia da pluralidade por meio da qual o pesquisador pode reconstruir o universo social do indivíduo que analisa.

O que é um esquema disposicional a partir dessa teoria? É o conjunto complexo, individual e intransferível de tendências (disposições) para pensar, sentir e agir que resulta de experiências individuais e, portanto, sociais, vividas por cada ator ao longo de sua trajetória. Esse esquema é desenvolvido no interior do cidadão de forma não consciente. Ele é, ao mesmo tempo, plural e singular. É plural porque decorre dos múltiplos processos de socialização e é singular porque são introjetados e manifestados a partir de esquemas disposicionais individuais, construídos inconscientemente ao longo das trajetórias de vida de cada ator. Esse esquema também é flexível ao se adaptar às situações porque sofre influência do contexto e das relações entre os atores.

À medida que o indivíduo vive cada experiência, ativa uma tendência ou outra, a mais adequada ao que ele necessita para agir ativamente a partir de quatro disposições que estão na base dos esquemas disposicionais do repórter-amador, como identificou Borges (2015): disposições para as ações social, política, cultural e religiosa. Pelo menos três dessas inclinações se entrecruzam com mais força para o motivar a ser um produtor de notícia. No Agreste, observamos que as tendências para as ações social, política e cultural são as mais fortes, como apresentamos no perfil sociológico de José do Blog.

### 3 O UNIVERSO DE JOSÉ DO BLOG: DA ZONA RURAL PARA A INTERNET

Servidor público e criador de um blog noticioso bem acessado pelos moradores de sua cidade, José do Blog, codinome de nosso repórter-amador para manter a sua privacidade, conforme a metodologia da sociologia à escala do indivíduo, nasceu e cresceu em um distrito rural do município no qual reside, no Agreste de Pernambuco. É solteiro, mora sozinho e tinha 40 anos. As tendências que o levaram a ser repórter-amador foram sendo construídas de forma hedonista, prazerosa, nas fases da infância e adolescência, quando as disposições sociais passam a ser forjadas, inconscientemente, para o agir no jornalismo em casa e na escola. Para entender como e quando isso ocorre, vamos voltar um pouco no tempo por meio da reconstituição de sua trajetória.

No mundo da sua família original, faz parte de uma família humilde e numerosa, mas muito unida. Além dele, os pais de José tiveram outros seis filhos. Nenhum deles possuía formação ou trabalhava na área do jornalismo. Mesmo que tenha crescido em uma família grande e unida, ele nunca se casou e formou a própria família, como a maioria dos irmãos. Ele diz que, solteiro, preserva a independência e liberdade. Mora sozinho, no centro da cidade. A mãe, grande referência para ele, segue vivendo na zona rural e, com a morte do pai, em 2019, ficou ainda mais ligado à figura materna. A mãe sempre foi a grande provedora de carinho e proteção. Agora, ele exerce esse papel. Ela e o pai foram as grandes referências para as suas disposições para a ação social por se ajudarem uns aos outros e por viverem em forte cooperação com os vizinhos dos sítios próximos.

Outro membro da família que tem forte influência na formação dele é um tio-avô, que o ajudou a alimentar o interesse em ler notícias por meio do hábito de acompanhar as edições de jornais impressos. Todas as vezes que o pai ia para o centro da cidade, trazia o “presente” do filho: edições antigas desses veículos. Por morar na zona rural, o acesso à informação nem sempre era simples. As notícias por lá só

chegavam pelo rádio e, anos mais tarde, já crescido, pela televisão. Esse tio-avó, que morava na zona urbana do mesmo município que vivia José, guardava todas as edições que recebia durante a semana. Ele era assinante de um veículo de comunicação de Pernambuco.

O consumo de notícias, nessa fase da infância e pré-adolescência, vai levar José a desenvolver, de forma inconsciente, as disposições para as ações cultural, social e política, quando passa a se atualizar para entender como funciona a sociedade e, principalmente, a comunidade de seu entorno. Sem cinema, museu ou teatro na sua cidade, não tinha muita oportunidade de frequentar esses locais, quando saía do sítio ou, já jovem adulto, quando foi morar sozinho na “rua”, como chamava a zona urbana. Por isso, quando tinha a oportunidade, sempre assistia aos espetáculos culturais que ocorriam por lá. Sem biblioteca, sempre dava um jeito para ler livros e jornais impressos. Primeiro com o tio-avô. Depois, comprando as edições que chegavam às bancas de jornais de sua cidade. Colaborava com o jornal mural da escola.

O gosto pela leitura não vinha apenas de estímulos do tia-avó, mas, também, da escola. No mundo da escola, é possível observar, pelos relatos dele nas entrevistas longas e sucessivas, que desde cedo desenvolveu o gosto pela leitura. Era um ávido consumidor de gibis, mas esse gosto não se refletia no desempenho escolar. A imposição de conteúdo para ser estudado não despertava interesse em se dedicar ao ambiente escolar. No entanto, quando estava na 5ª série (atual 6º ano do Ensino Fundamental II), é estimulado, por um professor de português, a pesquisar para se informar. O professor criou um “jornal mural”, um espaço onde os alunos eram convidados a trazer notícias que considerassem relevantes. Dessa forma, José foi apresentado ao que viria ser o seu primeiro canal de notícias. Essa atividade deixou José entusiasmado e revelou que, ali, assim como no mundo familiar, ele era um ator singular. Era um assíduo colaborador do mural, estimulado pelas matérias dos jornais dados pelo tio-avô.

Além dos recortes de revistas e jornais, que levava para o jornal mural, costumava fazer resumos dos conteúdos que considerava importante para a sua comunidade, o que sinaliza para o estímulo à escrita, além da leitura. Geralmente, os textos escritos por José e fixados no mural eram acompanhados por imagens. Afinal, era assim que ele via a composição das matérias publicadas no jornal que recebia do tio-avô. Na época, sem internet, estabelecia-se, naquele momento, a primeira rede de compartilhamento de notícias de José: do tio-avô, passando por ele e chegando até a turma da escola. Mas José logo percebeu que era o único aluno que atualizava o mural. As disposições para a produção de conteúdo, que mais adiante o fariam ser um repórter-amador reconhecido na cidade, era estimulado, em casa, pelo tio-avô, e na escola, pelo professor.

Essa vontade, que nascia dentro dele, concretizava-se na ação de atualizar o jornal mural. Mas ele era um aluno singular. Não havia outro na turma que tivesse a mesma vontade de ler, escrever e produzir notícia. Isso acabou chamando a atenção do professor responsável pela atividade, que percebeu o interesse do jovem e passou a incentivá-lo nessa produção. Foi, naquele momento, que a escola e, em especial, o professor despertaram nele a vontade de se manter informado. Nas entrevistas, percebemos que essa fase foi definidora para ele ser o repórter-amador que é. Na trajetória escolar, ele tem o ensino superior incompleto. Não concluiu o curso de letras, que começou em uma instituição privada. Os pais eram agricultores e tinham o Ensino Fundamental incompleto. A sua formação não tem ligação com a atividade que exerce no serviço público: é vigilante do Poder Judiciário, a sua principal fonte de renda.

Além de participar do jornal mural, no último ano do Ensino Fundamental, José também começou a se envolver em movimentos estudantis, acompanhava o cunhado, que já participava desse universo. A disposição para as ações social, cultural e política também estavam na origem dessa sua vontade de se informar e do comportamento de buscar uma forma de ajudar as suas comunidades, de

casa, do sítio e da escola, a resolver os seus problemas. A leitura e a escrita despertaram nele o senso crítico por meio do estímulo do professor e do exemplo do cunhado. Quando chegou ao Ensino Médio, o jornal mural não era mais parte das atividades escolares de José, mas isso não o impediu de continuar alimentando a sua paixão pelo jornalismo. Como o mundo escolar não oferecia mais espaços para ele compartilhar as reportagens dos veículos de comunicação nem os seus textos com relatos sobre fatos importantes, foi buscar condições favoráveis em outro contexto, criando um jornal para a comunidade na qual vivia, misturando realidade e ficção. Tudo isso para não inibir as suas disposições sociais para produzir conteúdo noticioso e ir estimulando, inconscientemente, o repórter-amador que, anos mais tarde, criaria um jornal impresso e um blog na internet.

Anos mais tarde, José percebeu que o município não tinha representação na grande mídia e não estava nas pautas dos veículos que circulavam na região, principalmente os moradores dos sítios da zona rural. A cidade na qual mora só tem uma rádio. Ela é comunitária, mas tem vinculação com grupos políticos e religiosos. Não veicula temas diversos que interessam às comunidades locais, segundo José. A televisão passa a programação de veículos sediados em outras cidades. Jornais impressos surgem poucos e de forma independente, como o do próprio José do Blog, que não é jornalista. Com a popularização da internet e o acesso mais fácil ao celular e outras plataformas digitais, os espaços noticiosos, criados por cidadãos sem formação em jornalismo, começam a ocupar esse espaço do deserto de notícias.

Ao concluir o Ensino Médio, José entrou no mercado de trabalho, com apenas 18 anos. Oriundo de uma família humilde, não era fácil se dedicar ao estudo. Tinha que trabalhar para ajudar no sustento daquela pequena comunidade, a sua família original. José do Blog é servidor público. Exerce o cargo de vigilante de uma repartição do Poder Judiciário em uma cidade vizinha a que ele nasceu e reside. Com o atual emprego público, conseguiu ter independência financeira. Assim,

apesar de ajudar os pais, saiu da zona rural para morar na zona urbana. O outro sonho foi produzir as primeiras edições do veículo que conduz até hoje. Naquela época, era impresso. Hoje, está só na versão digital. Os colegas da repartição pública têm conhecimento da atividade dele, mas, como o veículo tem como foco assuntos relacionados à cidade de José, eles não demonstram interesse sobre o tema nem estimulam José a continuar a ser repórter-amador. Nem no trabalho, nem na família original e nem no trabalho, José encontra pessoas que tenham a mesma disposição que ele para produzir notícia. Nesses mundos sociais, tem um perfil dissonante de seus grupos sociais.

José do Blog sempre utiliza a internet para buscar informações. Ficava até nove horas por dia navegando na grande rede. Preferia sempre ler espaços escritos por jornalistas seja vinculado a um conglomerado de comunicação ou a jornalistas que não estão em veículos. Dos espaços das redes sociais, prefere buscar informação no Twitter (hoje X) e no Instagram, além de blogs e sites. Quando perde reportagens dos telejornais, tem o costume de resgatar as matérias nos sites dos veículos. Aciona a sua disposição para agir ativamente no jornalismo quando consome informação nas reportagens feitas por veículos de televisão, rádio, impresso e digital. Na época das entrevistas, tinha dois blogs para falar sobre os problemas de sua cidade, um deles usava com mais frequência como veículo de comunicação on-line. Nele, abordava temas como transporte, trânsito, saúde, educação, política, economia, cultura, esporte e comunidade. Ganhava dinheiro com a produção deste conteúdo por meio de parceria com troca de serviço ou patrocínio com a exibição da marca do patrocinador.

O veículo de comunicação de José do Blog é um espaço de notícias que também possui perfis nas redes sociais Instagram e Facebook. Mas quando foi fundado, em fevereiro de 2003, era um jornal impresso. Nessa fase impressa, circulava mensalmente e isso ocorreu até o ano de 2012, quando essas edições tiveram fim. Para sobreviver, em 2007, com a popularidade da internet, escrevia para o formato



impresso e também para o formato digital. Após o fim da versão impressa, ficou totalmente no mundo virtual. José atuava no serviço público, responsável por uma parte importante de sua renda, mas o blog também gerava recursos para ele ganhar a vida. Desde a criação do blog, José fez muitas cobranças para melhorar o dia a dia das pessoas que moravam no seu município. O nome do blog não é citado para que o nosso entrevistado não seja identificado, como determina a metodologia da sociologia à escala do indivíduo, já explicada neste artigo.

Durante as entrevistas, ele dizia, repetidas vezes, que essa é a sua grande motivação para agir no jornalismo. O que escrevia no jornal impresso e, depois, no blog não passava pelos filtros econômicos e políticos de ninguém. Ele não tinha “dono”, como os veículos da grande imprensa. Além de fazer questão de ressaltar a sua independência, afirmou que tem estimulado outros atores, que como ele tem disposições para produzir notícia, a criar um canal próprio de comunicação. Ele acredita que está sendo exemplo para cidadãos que, como ele, têm desejo de lutar por uma cidade melhor.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando realizamos as entrevistas em profundidade e sucessivas com José do Blog, reconstruímos a sua trajetória de vida e pudemos analisar que suas disposições para ser repórter-amador foram sendo construídas, de forma inconsciente, nos mundos da família original, da comunidade, da escola, do trabalho e do jornalismo. Ele foi internalizando tendências para acionar as suas disposições para a ação social, cultural e política, que funcionam como molas propulsoras para o agir ativamente no jornalismo e criar um espaço próprio para a notícia.

No início, encontrava motivações e superava as possíveis barreiras para ser repórter-amador, ativando as inclinações, ora mais prazerosas ora mais objetivas, para ter um jornal impresso. Por um lado, essas disposições eram hedonistas porque era um ser singular, que atravessou os seus mundos sociais, para realizar

um sonho de infância: ter um espaço para produzir conteúdo, mesmo sem ter formação em jornalismo. Por outro, essas tendências eram ascéticas, porque esperou conseguir o primeiro emprego estável para ter dinheiro que financiasse o jornal, sem depender de ninguém.

Mas ele realizava um jogo, o de ir de um mundo a outro, entrecruzando o campo do jornalismo, não só para ter um jornal impresso como para instituir, anos mais tarde, com a popularização da internet e a facilidade de aquisição de celulares, o seu blog no mundo virtual. Essas duas plataformas funcionaram de forma coope-rada durante alguns anos, mas, depois, com o alto custo para se manter um jornal impresso e como ele queria ganhar dinheiro com essa produção, encerrou as atividades da versão impressa e segue com o espaço nas mídias digitais.

Ele se considera um repórter e não apenas um blogueiro, uma vez que, segundo nosso ator, há uma diferença nos dois conceitos. O repórter de um veículo tem compromisso com a apuração da notícia, o código de conduta ética da profissão e a atualização do conteúdo de acordo com as demandas do dono da empresa na qual atua. Já o blogueiro, para ele, é uma pessoa que produz conteúdo informalmente, sem a seriedade de uma periodicidade ou de um processo de apuração, duas estratégias de comunicação de veículos formais, que ele reconhece e realiza de forma intuitiva, ação que foi facilitada com essa cadeia de distribuição identificada como plataformas de infomediação, que medeiam as relações que estabelecemos com as notícias jornalísticas.

No Agreste, as múltiplas socializações de nossos atores analisados, como José do Blog, os levaram a ser indivíduos singulares nos seus respectivos mundos das famílias originais e formadas, da comunidade, da escola, do trabalho e do jornalismo. Ao sofrerem influências dos fatos relacionais e contextuais, de tendências construídas inconscientemente no passado e no presente, nossos cidadãos foram formando disposições para agir ativamente no jornalismo e cada um, ao seu modo, criou espaços autorais para mostrar as suas ações, impulsionadas pelo pensamento, que

concretizavam, para o público, os desejos de produzirem notícias para se contrapor às pautas dos conglomerados de comunicação daquela Região de Pernambuco.

Se, por um lado, nossos repórteres-amadores do Agreste acionavam as disposições hedonistas para apurar, escrever, editar e publicar informações, dando visibilidade aos temas que ficavam retidos nos filtros das empresas de comunicação, por outro, conseguiam ganhar dinheiro, de forma ascética, para serem remunerados por essa produção, transformando-se em fontes de informação para a grande imprensa. Mesmo sem dominar as regras e os rituais do campo do jornalismo, até porque não faziam parte das disputas internas daquele campo, eles produziam conteúdo intuitivamente para, cada um ao seu modo, elaborar reportagens, colunas, entrevistas, artigos e editoriais, citando alguns exemplos de gêneros informativos e opinativos do jornalismo que podem ser identificados nos espaços autorais de nossos entrevistados.

Em nosso perfil sociológico, revelamos o universo de José do Blog, nos aproximando dos aspectos motivadores que o leva a acionar, inconscientemente, as tendências que o faz ser repórter-amador no Agreste. Procuramos conhecer a trajetória de vida dele e como os processos de socialização corroboraram para ele deflagrar as disposições para as ações sociais, políticas e culturais que se entrecruzaram com mais força para o levar a agir ativamente. Os esquemas disposicionais dos atores que desempenham o papel de repórter-amador são complexos, formados no interior de cada um deles. Por isso, são individuais e intransferíveis, revelando as tendências para pensar e agir como produtores de conteúdo. São esses atores, como José do Blog, que preenchem os desertos de notícias no Agreste pernambucano.

## REFERÊNCIAS

BORGES, S. **O repórter-amador**: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum. Recife: Editora Cepe, 2015.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. São Paulo: Papius, 1996.

- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2003.
- CORNU, D. **Ética da Informação**. Bauru: EDUSC, 1998.
- HUEMPFER, S. **Facebook Remains the Dominant Social Platform** [Infographic]. SocialMediaToday. 30 mai. 2017. Disponível em: <https://www.socialmediatoday.com/social-networks/facebook-remains-dominant-social-platform-infographic>. Acesso em: 09 out 2023.
- JURNO, A.; DALBEN, S.. Questões e apontamentos para o estudo de algoritmos. **Revista Parágrafo**. São Paulo, Brasil, v.6, n.1, p. 17-29, jan./abr. 2018.
- KEMP, S. **DIGITAL 2023: BRAZIL**. Datareportal. 12 fev. 2023. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 06 out 2023.
- LAHIRE, B. **O homem plural**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2002.
- LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed: 2004.
- LAHIRE, B. Patrimônios individuais de disposições para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 49, pág. 11-42, 2005.
- LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed: 2006.
- LAHIRE, B. Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação. In: JUNQUEIRA, L.(org). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 17-36, 2010a.
- LAHIRE, B. O campo, o mundo e o jogo: o universo literário em questão. In: JUNQUEIRA, L.(org). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 17-36, 2010b.
- PROJOR (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo). Atlas da Notícia [on-line]. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.projor.org.br/atlas-da-noticia/>. Acesso: 10 dez. 2021.
- SBARAI, R. S. A. **Minha notícia, IReport e OhmyNews: modelos de cooperação ou colaboração no jornalismo digital?** In: LIMA JUNIOR, W. T. (org.). Comunicação, tecnologia e cultura de rede. São Paulo: Momento Editorial, p. 12-39, 2011. Disponível em: <http://www.livroteccred.blogspot.com>. Acesso em: outubro de 2021.
- SMYRNAIOS, N.; REBILLARD, F. **How infomediation platforms took over the news: a longitudinal perspective**. The Political Economy of Communication, 2019, v. 7, n. 1, p. 30-50.



# AUTORES

## Sheila Borges de Oliveira

Doutora em Sociologia, mestra em Comunicação, especialista em História Contemporânea e graduada em Jornalismo e Publicidade e Propaganda. É vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social e professora adjunta do Núcleo de Design e Comunicação, da UFPE. Desenvolve projetos de pesquisa e extensão nas áreas de redes e tecnologias sociais, mídias digitais, mídias sonoras, rádio expandido, comunicação e educação popular, política e cultura participativa. É autora do livro “O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum” e uma das organizadoras dos livros “Projeto Conexões: os impactos das novas mídias na comunicação - artigos acadêmicos e relatos profissionais”, volumes 1 e 2.

E-mail: [sheila.boliveira@ufpe.br](mailto:sheila.boliveira@ufpe.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-2614-2344>

## Diego Gouveia Moreira

Coordenador da Pós-Graduação de Comunicação e Inovação Social, da UFPE. Jornalista e professor adjunto do Núcleo de Design e Comunicação, do Centro Acadêmico do Agreste, da UFPE. Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Jornalista e mestre em Comunicação também pela UFPE.

E-mail: [diego.moreira@ufpe.br](mailto:diego.moreira@ufpe.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-4405-7194>

## Rodrigo Miranda Barbosa

Professor da UFPE-CAA, no Núcleo de Design e Comunicação. Possui graduação em Publicidade e Propaganda pelo Bom Jesus Ielusc (2007), mestrado em Comunicação pela Universidade de Brasília (2010) e doutorado em Comunicação pela Universidade de Brasília (2014) na linha de Teorias e Tecnologias da Comunicação. Tem experiência na área de Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: Epistemologia da Comunicação, Teorias da Comunicação, Materialidades da Comunicação, Teoria do Meio, Escola de Toronto de Comunicação, Antropologia da Técnica, Filosofia da Técnica, Harold Innis e Marshall McLuhan.

E-mail: [rodrigo.mbarbosa@ufpe.br](mailto:rodrigo.mbarbosa@ufpe.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-0053-3515>